
Fisham, J. M. (2018). *Death makes the news. How the media censor and display the dead*. Nova Iorque: New York University Press. (278 páginas)

Carla Baptista

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/4230>

DOI: 10.4000/cp.4230

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Carla Baptista, « Fisham, J. M. (2018). *Death makes the news. How the media censor and display the dead*. Nova Iorque: New York University Press. (278 páginas) », *Comunicação Pública* [Online], Vol.14 nº 26 | 2019, posto online no dia 28 junho 2019, consultado o 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/4230> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.4230>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Fisham, J. M. (2018). *Death makes the news. How the media censor and display the dead*. Nova Iorque: New York University Press. (278 páginas)

Carla Baptista

REFERÊNCIA

Fisham, J. M. *Death makes the news. How the media censor and display the dead*. Nova Iorque: New York University Press, 278 páginas

NOTA DO EDITOR

Recebido: 21 de novembro de 2018

Aceite para publicação: 29 de novembro de 2018

- 1 O livro de Jessica M. Fisham reflete a sua prática interdisciplinar: é investigadora na Escola de Medicina Perelman e na Escola de Comunicação Annenberg, ambas da Universidade da Pensilvânia, e a sua formação em psicologia social torna o seu olhar sobre os *media* particularmente integrador e inovador. Neste caso, trata-se de compreender a ecologia da representação jornalística da morte, ou seja, pensar as dinâmicas da morte enquanto fenómeno social e rotina editorial. A representação pictórica da morte reflete valores políticos e profissionais que a transformam numa das práticas mais controversas do jornalismo. E também numa das menos conhecidas, já que o livro revela assumpções surpreendentes e desafiadoras das ideias feitas. Por exemplo, apesar do incontestável valor noticioso da morte, as imagens de corpos mortos não abundam nos jornais e são, pelo contrário, quase sempre precedidas de

decisões cautelosas. Os critérios que decidem pela seleção e até sobrevalorização de algumas imagens e pelo descarte de outras permanecem ambíguos.

- 2 Com base numa pesquisa que recolheu e comparou imagens publicadas em diários de referência (*Washington Post*, *Los Angeles Times*, *Boston Globe* e *New York Times*) e tablóides (*The New York Post*, *Daily News* e *The Philadelphia Daily News*) ao longo de 30 anos, a autora apresenta exemplos contrastantes. Nalguns casos, fotografias com mortos são censuradas invocando regras éticas que, noutros episódios e em circunstâncias semelhantes, já não são operativos nem reconhecidos. Imagens de vítimas ocidentais de ataques terroristas são raras nos jornais analisados mas a fotografia retratando o assassinato do embaixador russo por um terrorista turco em 2016 circulou amplamente e ganhou o World Press Photo.
- 3 A investigação histórica de Jessica Fisham no arquivo de fotografias de imprensa e as entrevistas que realizou com fotojornalistas e editores fotográficos permitem confrontar as aceções frequentes sobre a imprensa tablóide, acusada de explorar a dor alheia e correr ao cheiro do sangue, violando os direitos das pessoas envolvidas, incluindo o direito à imagem. Esta investigação demonstra um padrão prevalente: a imprensa tablóide publica menos fotografias de cadáveres do que a imprensa de referência e discrimina menos entre mortos americanos e não americanos.
- 4 As escolhas dos jornalistas para relevarem a morte estão imbricadas numa densa estrutura de interseccionalidades, incluindo categorias como nacionalidade (raramente são mostradas vítimas mortais americanas); etnia (outra ideia comum desfeita neste livro é a de que existem mais fotografias de negros mortos do que de caucasianos mortos); geografia (as fotografias mostrando mortes resultantes de catástrofes ou acidentes fora dos EUA são mais comuns, sobretudo se as vítimas forem brancas); idade (fotografias de crianças mortas são praticamente interditas mas existem exceções exemplares); e efeitos expressivos (uma panóplia de estratégias identificadas na obra como “imagens alternativas”, como a publicação de fotografias das vítimas quando estavam vivas, retratos da ação das equipas de socorro e resgate, fotografias de sobreviventes ou mostrando a destruição sobre objetos).
- 5 Apesar de também incluir a análise de elementos textuais (as legendas e os títulos), o livro de Jessica Fisham discute sobretudo as fotografias, invocando o maior impacto que as imagens geram no cérebro humano, a vários níveis: atenção, memorização, trauma. As perceções erradas sobre as tendências do jornalismo assentam no facto de as análises académicas serem parciais e usarem preferentemente o discurso textual. As leituras académicas sobre os *media*, e também as leituras dos próprios *media* sobre as formas desejadas de praticar o jornalismo, refletem crenças suportadas por ideais normativos pouco refletidos e pouco confrontados com as práticas empíricas, ou são promovidas por um antagonismo histórico das elites (os leitores dos diários de referência) relativamente às classes ‘baixas’ (os leitores dos tablóides).
- 6 Mais importante do que a (falsa) bipolaridade entre imprensa tablóide e imprensa de referência, argumenta Fisham, são os silêncios e as invisibilidades crescentes dos jornais sobre a morte, mesmo a que ocorre em circunstâncias históricas muito significativas que permanecem desconhecidas dos leitores, por demissão ou cumplicidade jornalística. Um exemplo são as fotografias de soldados americanos mortos no Iraque e noutros cenários de guerra onde há tropas dos EUA envolvidas, ausentes dos jornais e substituídas pelos corpos de outros mortos, designados por “insurgentes”, mesmo quando a notícia se refere à morte de americanos. A autora

alerta para os riscos da crescente ‘sanitização’ da representação jornalística da morte, que explica o facto de tragédias gigantescas, como as causadas pelo furacão Katrina (mais de 800 mortos em New Orleans) ou do *tsunami* no Sudeste Asiático (quase 300 mil mortos em vários países) “se apagarem’ da memória coletiva.

- 7 Uma parte fascinante deste livro confronta eticamente as escolhas dos editores relativamente às imagens, baseadas em leituras frágeis e casuísticas dos códigos de ética. O que pensar da norma para não publicar imagens de cadáveres infantis (o livro mostra como as crianças mortas retratadas são sempre estrangeiras, e o princípio parece ser o da denúncia contra essa atrocidade global que é o assassinato de crianças em guerras ou epidemias), quando são as próprias vítimas que reclamam visibilidade? Um dos exemplos mais chocantes é a morte de duas raparigas indianas de 14 e 12 anos que foram enforcadas depois de terem sido violadas por um gangue, em 2014. As famílias velaram os corpos pendurados e pediram que as fotografias fossem publicadas porque acreditavam que, sem atenção mediática, as autoridades locais nem sequer investigariam os crimes. Outro exemplo são os cadáveres de jovens americanos negros baleados pela polícia. As exatas circunstâncias desses crimes (alvejados pelas costas e desarmados, contrariando a versão oficial) só foram conhecidas após a divulgação de vídeos amadores e geraram uma onda de indignação que está na base da criação do movimento Black Lives Matter, em 2014.
- 8 Em síntese, o livro, admiravelmente bem escrito e profuso em imagens relevantes que remetem para momentos emblemáticos da história do jornalismo, alguns deles de fratura epistemológica e com enorme impacto político (a decisão de não divulgar as decapitações praticada pelo ISIS foi talvez o único debate ético estruturado e consensualizado entre a comunidade jornalística internacional), desconstrói o lado político, cultural e ideológico da edição da morte. Instiga o leitor a pensar sobre os efeitos de uma cultura jornalística que continua a enviar fotojornalistas para cobrir conflitos e tragédias mas lhes pede explicitamente para não mostrar mortos, num movimento para a ‘desfactualização’ do real que coincide com uma série de manipulações circulantes no espaço público.

AUTORES

CARLA BAPTISTA

FCSH/ICNOVA